



## Jatobá: território, luta e identidade do povo negro



A comunidade negra rural do Jatobá, composta por 17 famílias, está localizada na mesorregião geográfica do Oeste Potiguar, no município de Patú/RN. A comunidade possui 219 hectares e se definiu como remanescente de quilombo em 2004.

“Aqui todo mundo é descendente de Luiz Aquino, filho de Manoel e Raimunda” é o que conta Sandra Silva, da Associação dos Moradores da Comunidade Quilombola do Jatobá. Manoel e Raimunda eram escravizados por Joaquim Teixeira Dantas, proprietário de terras no Patú de Fora. Manoel era filho da escravizada Vicência; Raimunda, índia que, como conta a história, foi “pega a dente de cachorro e a casco de cavalo”.

João Luiz de Aquino, filho de ex-escravos, casou-se com uma prima e, depois de servir na condição de soldado do Exército, em Natal, em meados de 1920, se dedicou à criação de animais e à função de marchante, o que lhe propiciou a acumulação de certa quantia e possibilitou a compra de um pequeno terreno. Neste terreno se iniciou a construção de um território, lugar de refúgio, de viver, de se reconhecer como pertencente a um grupo social, permitindo a elaboração de identidades e,



Sandra Silva conta que “em 2002 um casal de angolanos apareceu aqui em Jatobá e disse que a gente era uma comunidade quilombola, que tinha direitos. Nos falaram sobre um encontro de comunidades rurais negras. Fomos eu e meu marido e voltamos de lá dispostos a lutar”. A partir do Encontro Nacional de Comunidades Rurais Negras que ocorreu em Recife no ano de 2003, Sandra e seu marido passaram a cuidar do passo a passo para que a comunidade de Jatobá fosse reconhecida: “Fundamos a associação da comunidade, participamos de oficinas, palestras, vieram fazer estudos e pesquisas aqui...”, relata Sandra.

Em 2012, dentro do processo de regularização fundiária, foi assinado o título de reconhecimento de domínio coletivo da terra às 17 famílias moradoras de Jatobá, sendo a primeira Comunidade Remanescente de Quilombo reconhecida no Rio Grande do Norte.

Vários projetos foram realizados para o desenvolvimento da comunidade desde cursos de artesanato e costura; construção de hortas coletivas e implementação das cisternas do P1+2 para fortalecer a produção de alimentos no local.

Atualmente, a comunidade segue buscando cultivar a cultura, especialmente através da dança e das histórias por meio da oralidade e produzindo coletivamente os meios de subsistência. Nesse sentido, o território é um lugar de criar perspectivas, manter a cultura e as relações sociais, como diz Sandra: “ser quilombola é guardar nossos valores, nossa história e ter muito orgulho disso, né?”. E viva o povo negro que existe e resiste!



Realização:



Parceria:

